

Artigo

Uso de metáforas e o reconhecimento do papel do professor em sala de aula na educação básica

Use of metaphors and recognition of the teacher's role in the classroom in basic education

Uso de metáforas y reconocimiento del rol del docente en el aula en la educación básica

Andréa Inês Goldschmidt¹
Luciana Richter²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Palmeira das Missões -RS, Brasil

Resumo

A reflexão deve ser parte da formação inicial e segue durante o desenvolvimento profissional, sendo importante no processo formativo. Os cursos de licenciatura são importantes espaços que garantem reflexões acerca do papel do professor em sala de aula e uma das vias é a utilização de metáforas. Diante deste cenário, foi proposta esta pesquisa, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, envolvendo 25 licenciandos, em três disciplinas de formação inicial, em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, no intuito de investigar as concepções de alunos em formação docente acerca do papel do professor em sala de aula. Para tanto, os alunos receberam uma mini maleta fechada, contendo alguns elementos em seu interior: elástico, lantejoulas, bala goma, apito, borracha, espelho, flor num vaso, caneta marcadora permanente, post it, giz de cera, apontador, relógio, régua, pente, tesoura, letras e números; e, uma cédula de dinheiro infantil. Após, foi solicitado aos alunos para abrirem a maleta e discutirem metaforicamente a respeito dos objetos presentes no interior da mesma, relacionando-os ao papel do professor na sala de aula. As reflexões foram registradas, socializadas e analisadas. Os resultados identificaram algumas características: ser flexível, criativo, saber chamar atenção, estabelecer limites, motivar, ter prazer em ensinar, estabelecer boas relações afetivas, respeitar a diversidade, respeitar o tempo da aprendizagem, reconhecer que ainda está em formação profissional, poder errar e corrigir. As metáforas contribuíram como potencial pedagógico para estimular as reflexões.

Abstract

Reflection should be part of initial training and continue during professional development, being important in the training process. The undergraduate courses are important spaces that guarantee reflections on the role of the teacher in the classroom and one of the ways is the use of metaphors. Given this scenario, this research was proposed, with a qualitative approach, of an experience report type, involving 25 graduates, in three initial training subjects, in a degree course in Biological Sciences, with no intention of

¹ Docente do Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Maria, Doutora em Educação em Ciências. Programa de Pós Graduação Educação em Ciências. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8263-7539> E-mail: andrea.goldschmidt@ufsm.br

² Docente do Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Maria, Doutora em Educação em Ciências. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6920-3226>. E-mail: lurichter@gmail.com

investigating the conceptions of students in teacher training. about the role of the teacher in the classroom. To this end, the students received a mini closed suitcase, containing some elements inside: elastic band, sequins, gum candy, whistle, eraser, mirror, flower in a vase, permanent marker pen, post it, crayon, sharpener, clock, ruler, comb, scissors, letters and numbers; and, a children's money bill. Afterwards, students were asked to open the suitcase and metaphorically discuss the objects present inside it, relating them to the teacher's role in the classroom. The reflections were recorded, socialized and verified. The results identified some characteristics: being flexible, creative, knowing how to attract attention, setting limits, motivating, having pleasure in teaching, establishing good emotional relationships, respecting diversity, respecting learning time, considering that you are still in professional training, you can make mistakes Yeah I agree. Metaphors developed as pedagogical potential to stimulate reflections.

Resumen

La reflexión debe ser parte de la formación inicial y continuar durante el desarrollo profesional, siendo importante en el proceso de formación. Nuestros cursos de pregrado son espacios importantes que garantizan reflexiones sobre el rol del docente en el aula y una de las formas es el uso de metáforas. Ante este escenario, se propuso una investigación, con enfoque cualitativo, de tipo relato de experiencia, involucrando a 25 egresados, en tres asignaturas de formación inicial, en una carrera de Licenciatura en Ciencias Biológicas, con el objetivo de indagar las concepciones de los estudiantes de pregrado sobre el papel del docente en el aula. Para ello, los estudiantes recibieron una mini maleta cerrada, que contenía en su interior algunos elementos: goma elástica, lentejuelas, chicle, silbato, borrador, espejo, flor en un florero, rotulador permanente, post it, crayón, sacapuntas, reloj, regla., peine, tijeras, letras y números; y un billete de dinero para niños. Posteriormente, se pidió a los estudiantes que abrieran la maleta y discutieran metafóricamente los objetos presentes en su interior, relacionándolos con el papel del profesor en el aula. Las reflexiones fueron grabadas, socializadas y verificadas. Los resultados identificaron algunas características: ser flexible, creativo, saber llamar la atención, poner límites, motivar, tener gusto de enseñar, establecer buenas relaciones afectivas, respetar la diversidad, respetar el tiempo de aprendizaje, considerando que aún estás en formación profesional, puedes cometer errores Sí, estoy de acuerdo. Las metáforas se desarrollaron como potencial pedagógico para estimular la reflexión.

Palavras-chave: Docência, Formação inicial, Valorização docente, Processos formativos.

Keywords: Teaching, Initial formation, Teaching appreciation, Training processes.

Palabras clave: Enseñando, Formación inicial, Apreciación docente, Procesos de formación.

1. Introdução

Quando pensamos em formação de professores, estamos nos referindo a qualificar o sujeito para o exercício profissional e tomando como base que a formação inicial do professor deve buscar assegurar a aprendizagem profissional oportunizando a atuação na profissão docente (Pryjma e Winkele, 2014). Nesse sentido, Flores (2003) afirma que a formação inicial constitui o primeiro passo de um longo e permanente processo formativo no percurso da carreira, que prepara para a entrada na profissão.

Oportunizar momentos de reflexões com alunos em formação inicial acerca do seu papel enquanto professor na Educação Básica é uma prática necessária, cabendo aos professores formadores a tarefa de questionar e

estimular o pensamento crítico; caso contrário, corre-se o risco de a construção da identidade docente não sair das amarras resistentes de concepções prévias, que muitas vezes podem ser frágeis ou infundadas (Goldschmidt et al, 2016).

André e Passos (2008) discorrem sobre a importância em se investigar sobre estas concepções atreladas às práticas do professor, porque os valores relacionados a estas estão diretamente relacionados aos processos de ensino e de aprendizagem diretamente em exercício em sala de aula. Portanto, discutir com licenciados sobre a identidade do professor, o papel do docente em sala de aula e no âmbito escolar frente aos inúmeros desafios implica reconhecer as concepções desses sujeitos sobre sua futura profissão e as implicações destas na Educação Básica. Marchesi (2008) lembra que a identidade docente é resultado de um processo de construção influenciado justamente por vivências e concepções, não podendo ser entendida como algo que se adquire no momento em que se inicia uma determinada atividade de trabalho, mas como um longo processo de experiências vividas, de encontros com os outros e de reflexão sobre a própria prática, sobretudo em uma época em que as mudanças na educação são permanentes.

Navas (2012) sinaliza que uma das principais finalidades da formação inicial, é preparar os estudantes para a aquisição de conhecimentos, destrezas e habilidades para um determinado campo profissional, proporcionando-lhes a formação necessária para a adaptação à dinâmica inerente ao trabalho que podem ocorrer ao longo de suas vidas. Neste sentido, refletir acerca da importância da profissão, reconhecendo e valorizando o papel do professor, podem auxiliar este futuro professor, quando em exercício. E, Goldschmidt (2016) afirma que uma das possibilidades que favorecem este processo reflexivo e crítico, é envolver atividades dinâmicas e ativas, como fazer uso de metáforas.

Cabe destacar que quando se menciona a reflexão, a intenção é referir-se às ideias de John Dewey, que a apresenta como o elemento impulsionador da melhoria de práticas profissionais docentes, uma vez que o pensamento reflexivo é “a espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva” (Dewey, 1979, p. 13).

O'connor e Seymour (1995) afirmam que a utilização de metáforas pode ser uma das vias para a configuração das reflexões, pois uma metáfora contada de maneira clara e simples distrai a mente consciente e ativa a procura inconsciente de significados e recursos, revelando elementos ocultos que apenas o inconsciente poderia perceber e utilizar; o que contribui para atingir outros níveis de reflexões, que conscientemente não seriam oportunizadas muitas vezes.

Cachapuz (1989) defende que as metáforas apresentam grande potencial pedagógico para o ensino de ciências frente aos desafios vividos em sala de aula, uma vez que permitem que o aluno, partindo do conhecimento que já lhe é familiar, compreenda o que ainda lhe é desconhecido.

Ferry (2016) corrobora, discorrendo que o uso de metáforas tem sido um dos recursos capazes de aproximar o aluno dos conteúdos estudados, facilitando a compreensão de temas muitas vezes complexos e abstratos. Segundo o autor, o professor ao utilizar-se da metáfora pode transpor o sentido de um elemento de domínio conhecido pelos estudantes para um elemento de domínio ainda desconhecido.

Em termos de conceituação, Coser (2010, p. 11) esclarece que as metáforas são um “conjunto de recursos simbólicos e imagéticos”; ou seja, para

Andrade (2010), elas constituem a linguagem e o pensamento humano, estando presentes em todos os discursos. Portanto, as metáforas são parte intrínseca da ciência, configurando-se como elementos constituintes e indispensáveis ao discurso científico, e que por vezes não estão tão evidentes.

A partir das ideias levantadas, este artigo busca promover discussões acerca do papel do professor na sala de aula da Educação Básica, através de uma investigação com alunos em formação docente pelo uso de metáforas, que contemplassem aspectos relacionados a elementos metafóricos que pudessem estar associados ao exercício docente.

2. Trajetória Metodológica

Esta pesquisa de natureza qualitativa, se conceitua nas ideias de Vieira e Zouain (2005) quando afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Ainda, trata-se de um relato de experiência, pois como afirma Fortunato (2018), é uma metodologia onde se pretende “demonstrar como a experiência é um dos mais importantes (...) meios de se colocar a educação em evidência para (...) pensar sobre, na, com e para a própria educação, com o intuito de renová-la” (p. 37). Com essa opção metodológica se analisa a experiência vivenciada e socializa-se com a finalidade de “apresentar elementos suficientes para que outros, em situações análogas, possam refletir e encontrar saídas saudáveis para suas próprias circunstâncias” (Fortunato, 2018, p. 41).

A pesquisa envolveu três disciplinas, sendo estas: Fundamentos da Educação (segundo semestre, com participação de nove alunos), Didática II (quinto semestre, com participação de oito alunos) e Estágio das Ciências Biológicas no Ensino Fundamental (sétimo semestre, com participação de oito alunos), todas integrantes da matriz curricular do Curso de Ciências Biológicas de uma Universidade pública localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, contando com a participação de 25 alunos. No decorrer do primeiro encontro de cada disciplina, cada um com duração de 4 horas/aula, no primeiro semestre de 2023, os alunos foram convidados a participar desta atividade de reflexão. Ao participarem da pesquisa, e estando cientes, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a ciência da pesquisa desenvolvida. A estratégia didática foi desenvolvida por duas professoras, autoras deste artigo.

Os alunos foram organizados em grupos, e cada um deles recebeu uma mini maleta fechada, contendo alguns elementos em seu interior (Figura 1). Nesta estavam presentes 18 elementos, sendo eles: pedaço de elástico, pacote com lantejoulas, pacotinho de bala goma, apito, borracha, espelho, flor plantada num vaso, caneta marcadora permanente, post it, caixinha de lápis giz de cera, apontador, relógio, régua, pente, tesoura, clips, letras e números diversos; e, uma cédula de dinheiro infantil.

Figura 1 – Mini maleta e elementos entregues aos alunos em formação docente

Elementos	Respostas (metáforas) apresentadas	Categorias de Análise	Nº
Pedaço de elástico	Flexível, se adapta a vários contextos (F) Se adapta a novos desafios (F) Maleável (o elástico pode ser ampliado) (F) Flexível, adaptável, busca o equilíbrio (D) Flexível nas dinâmicas da sala de aula (D) Flexível diante de distintos cenários (E) Flexível (E) Flexível (E)	Flexibilidade aos contextos, aos desafios, nas dinâmicas.	8
Pacotinho de lantejoulas	Aperfeiçoamento, criatividade (F) Criatividade nas aulas (F) Criatividade nas aulas (F) Brilho, ludicidade (D) Realização profissional, brilho, criatividade (D) Ensino atrativo (E) Brilho, ludicidade, criatividade (E) Embelezar o conteúdo, tornar atrativo (E)	Criatividade, ludicidade, aperfeiçoamento, atratividade e embelezamento do conteúdo e do ensino.	8
		Realização profissional.	1
Pacotinho de bala goma	Doçura, alegria, Prazer em ensinar (F) Doçura na sala de aula (F) Diferentes formas de saciar a fome do saber (vários sabores, várias estratégias) (F) Usar doçura para transmitir valores e conhecimentos, mesmo sendo forte e exigente (D) Energia para diversificar nas estratégias (D) Proporcionar doçura ao descobrir novas ideias, assim, como ao abrir um pacote de balas (E) Doçura e sensibilidade profissional, para poder compreender a individualidade dos alunos (E) Ser doce, promover recompensas (E)	Doçura em sala de aula, em ensinar, em transmitir valores, em compreender as individualidades;	6
		Diversificar em sala de aula (estratégias).	2
Apito	Chamar atenção (F) Saber chamar a atenção (F) Captar a atenção (F) Saber chamar a atenção (D) Alertar para situações (D) Manter a autonomia do professor e a organização (E) Ordem (E) Saber chamar a atenção, autoridade (E)	Organização e atenção para disciplina, autonomia e autoridade.	8

Borracha	<p>Poder corrigir e oportunidade em refazer (F) Poder corrigir e reconstruir (F) Tentar sem medo de errar, pois pode refazer (F) Apagar os erros e aprender com eles (D) Poder corrigir e oportunidade em refazer (D) Poder corrigir e oportunidade em refazer (E) Capacidade de reorganizar, e refazer novamente, mas se usado sem limites, desgasta rapidamente (E) O conhecimento é mutável, pode ser reconstruído (E)</p>	<p>Errar sem medo, possibilidade de corrigir, refazer e aprender com os erros, reconstruir.</p>	8
Espelho	<p>O aluno é o espelho do professor (F) A identidade docente é o reflexo de quem ele é (F) Autoconhecimento, reconhecer qual sua história (F) Rever suas atitudes para aumentar a empatia (D) Refletir nossas próprias atitudes em nossos alunos (D) O cuidado com a forma de trabalhar e lidar com os alunos (E) Autocrítica (E) Autorreflexão, sua caminhada (E)</p>	<p>Reflexões do professor na docência (autoconhecimento, identidade docente, autocrítica, autorreflexão).</p>	8
		<p>Professor com modelo.</p>	1
Flor plantada num vaso	<p>Desabrochar do conhecimento leva tempo ao aluno e ao professor(F) Plantar conhecimento com cuidado (F) Plantar conhecimento e nutrir cada dia (F) Transformar o ambiente em um lugar agradável para o conhecimento crescer (D) O professor passa por diferentes ciclos até chegar ao seu auge – florescer (D) Ver e colocar beleza na prática docente, além de nutrir sua formação constantemente (E) Construção do conhecimento, leva tempo, precisa dedicação cuidado (E) Relações na sala de aula; se cuidado com carinho e atenção, o conhecimento crescerá de forma saudável (E)</p>	<p>Semear, nutrir, cuidar e desabrochar do conhecimento (conhecimento científico, autoconhecimento, conhecimento constante e permanente).</p>	8
		<p>Relações Interpessoais.</p>	1
		<p>Desenvolvimento profissional.</p>	2
		<p>Professor com modelo.</p>	1
Caneta marcadora permanente	<p>O professor marca com suas experiências (F) O professor precisa ser responsável com o que ensina e o que diz, pois, algumas coisas são difíceis de apagar (F) Desenvolver ideias que não se apaguem (F) Transmissão eficiente, que não esquece (D)</p>	<p>Ensinaamentos para a vida (conteúdos, mas também valores, construções coletivas, planejamento.</p>	7

	<p>Ensinaamentos registrados, não só conteúdos, mas ensinamentos para a vida, valores (D)</p> <p>Capacidade de compartilhar as ideias para a vida toda (E)</p> <p>Construção conjunta do conhecimento, esta não se apaga (E)</p> <p>Planejamento permanente do conhecimento (E)</p>	Marcas que não se apagam.	2
Post it	<p>Organizar e valorizar novas ideias (F)</p> <p>Externalizar e ressaltar ideias, mas sem mantê-las completamente fixas (F)</p> <p>Estar atento aos lembretes que a vida ensina (F)</p> <p>Tudo é importante, não esquecer (D)</p> <p>Organização de conteúdos (D)</p> <p>Organização diante do currículo escolar (E)</p> <p>Sintetizar e organizar conhecimento (E)</p> <p>Organização das ideias, para não se perder em assuntos já trabalhados (E)</p>	Organização geral (de conteúdo, de conhecimento, do currículo, das ideias); Atenção, valorização, priorizar, lembrar.	8
Caixinha de lápis giz de cera	<p>Promover a liberdade de expressão, diversidade de opiniões (F)</p> <p>Capacidade de construir seu próprio mundo pelas cores. O professor dá vida ao universo particular de cada aluno, respeitando cada um. (F)</p> <p>Colorir as ideias diferentes, para torná-las mais atrativas (F)</p> <p>Situações da sala de aula são coloridas, nada é branco-preto, todas situações tem mais de dois lados (dualidade na docência – diversidade de situações) (D)</p> <p>Colorir o dia a dia, olhar inocente para educação (D)</p> <p>Individualidade e peculiaridade de cada aluno, valorizando seu cotidiano e seu contexto de vida (E)</p> <p>Diversidade no ambiente escolar, das características e das ideias (E)</p> <p>Diversidade no ambiente escolar (E)</p>	Diversidade (de expressão, de ideias, de situações advindas do ambiente escolar, das características individuais); Papel do professor – atratividade e “cor”, liberdade de expressão.	8

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Elementos metafóricos

Pedaço de elástico

Para todas as turmas consultadas, houve uniformidade na definição da metáfora para o elástico no sentido de flexibilidade, maleabilidade ou adaptação do professor; seja ao ambiente de sala de aula, ou aos contextos relacionados à educação.

Bachert, Wechsler e Machado (2016) afirmam que os estilos de temperamento do professor podem ser observados no cotidiano escolar por meio das práticas de ensino e das estratégias que cada docente utiliza em suas aulas. Portanto, esta flexibilidade ou maior rigidez pode interferir diretamente em sala de aula, e estar fortemente relacionada ao sucesso em ensinar e aprender.

Borgobello, Peralto e Roselli (2010) corroboram afirmando que o conjunto de ações e práticas pedagógicas, definido como "estilo de ensinar", interfere na construção dos conhecimentos, pela maneira como o professor se relaciona com seus alunos. A este relacionamento pode-se incluir esta flexibilidade, maleabilidade e adaptação do docente.

Palhares (2023) define o professor flexível como dócil, ágil e elástico, adaptando-se facilmente aos acontecimentos, realizando diversas atividades; ou seja, esta flexibilidade vai além, está tanto no domínio curricular, quanto em suas ações. Portanto, se refere a criar um ambiente de aprendizagem dinâmico, participativo, estimulando os seus alunos. Estas concepções vão ao encontro das ideias de Paulo Freire, nas quais as relações interativas são estimuladas professor-aluno, aluno-aluno, presentes dentro da sala de aula, para que o processo educativo aconteça de forma a contribuir com a aprendizagem do aluno, através do diálogo. A flexibilização leva a este jogo de sedução, uma interação social, na qual o sucesso dessa interação resultará em uma facilidade de comunicação e, conseqüentemente, em sucesso na construção do conhecimento (Raufelder et al., 2013).

Gadotti (2003) corrobora com esta ideia e sugere que o professor, através do diálogo e das relações em sala de aula, com afetividade, pode contribuir para a vida dos alunos, tanto dentro, como fora da escola e pode, também, contribuir para que aprendizado ocorra de forma significativa.

Lantejoulas

Neste mesmo caminho de boas relações em sala de aula e na boniteza em ensinar, tão citado por Gadotti (2003), houve uniformidade na definição metafórica para lantejoulas, apresentada para as turmas consultadas no sentido da compreensão deste elemento como criatividade, brilho, ludicidade, aperfeiçoamento, atratividade e embelezamento do conteúdo e do ensino. Um dos grupos de alunos, na disciplina de Didática II, por exemplo, apontou, ainda, conjuntamente à criatividade, o aspecto pessoal, no sentido de realização profissional.

A criatividade tem sido destaque como uma característica importante para o desenvolvimento das pessoas em todas as suas dimensões, e em especial para a sala de aula. Alves e Castro (2015) apontam a importância da criatividade em um contexto criativo amplo, como nas artes, nas ciências, nas atividades profissionais e nas diferentes situações do cotidiano. Tanto que, nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013), a criatividade é apresentada como um dos princípios básicos. E na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), também é associada ao ensino.

Wechsler (2002) afirma que é possível trazer a criatividade para a sala de aula em todos os níveis de ensino e que pode despertar a motivação para a ação de aprender. Desse modo, cabe ao docente buscar construir, conjuntamente com seus alunos, um ambiente e um ensino criativo, planejando intencionalmente suas ações e estratégias, com o cuidado de não as utilizar de forma estanque e isolada (Araújo-Silva, 2016).

De certa forma, há uma relação direta com a atribuição dada pelo grupo de realização profissional, pois o professor se configura como essencial nesse processo. Segundo Araújo-Silva (2016), a este profissional, não cabe apenas o domínio do conteúdo que ensina aos alunos, mas também o entusiasmo pela atividade docente, e esta não se faz sem brilho, sem paixão em ensinar. Tais atributos encontram-se em sintonia, uma vez que a atratividade às aulas, a criatividade na elaboração da proposta e o planejamento desta interferem diretamente na aprendizagem discente e, conseqüentemente, na motivação e na realização do próprio professor. Só aprendemos quando colocamos emoção no que vivenciamos. Por isso, é necessário ensinar com alegria (Snyders, 1986). Nesse contexto, a realização profissional se completa com a própria criatividade.

Pacotinho de bala goma

Quase de forma unânime, os alunos citaram a importância da “doçura” do professor em sala de aula, tornando o ambiente escolar um local prazeroso para ensinar e aprender.

Autores da área de ensino e docência têm ressaltado a importância da afetividade na relação educativa em sala de aula (Arantes, 2003; Freire, 2004; Vasconcelos, 2004; Leite e Tagliaferro, 2005; Ribeiro, 2010; Leite, 2012). E esta relação professor-aluno tem sido apontada como um dos pontos fundamentais para se estabelecer em sala de aula um ambiente propício à construção dos conhecimentos. A afetividade não está restrita apenas ao contato físico, mas também por manifestações de natureza cognitiva, como o respeito e a reciprocidade (Pinto, 1993). Um bom relacionamento entre professores e alunos também está relacionado a um clima favorável à criatividade em sala de aula (Libório, 2009).

Porém, a afetividade ainda tem sido um dos temas negligenciados pelas instituições educacionais, que priorizam o mérito intelectual em detrimento dos sentimentos (Vasconcelos, 2004), bem como pelos cursos de formação de professores (Ribeiro, 2010). Inclusive, para Leite (2012) a mediação pedagógica é de natureza afetiva e pode produzir impactos positivos ou negativos na aprendizagem, dependendo das relações estabelecidas entre os sujeitos (alunos) e os objetos (conteúdos) (Leite e Tagliaferro, 2005).

Neste mesmo contexto, é oportuno destacar a citação feita por um dos grupos: “oportunar distintas formas de saciar a fome”; ou seja, as relações implicam no próprio processo de aprendizagem, pois no momento que o docente decide usar diferentes estratégias de ensino, pensando justamente em “adoçar” e suavizar os processos de ensino e de aprendizagem de seus educandos, levando em consideração o próprio conteúdo, está pensando não apenas no processo cognitivo, mas também nas relações estabelecidas. É interessante que este tópico foi citado pelos alunos de início e de meio de curso, relacionando inclusive à própria disciplina de didática, o que poderia ser um fator que pode contribuir para associarem a importância de mencionarem essa diversificação de estratégias como um dos elementos que favoreçam tornar as aulas mais agradáveis.

Apito

Todos os grupos de alunos atribuíram ao objeto apito um sentido literal e não metafórico. Talvez seja a ação deste elemento no quesito de chamar a atenção, lembrando sempre um som alto. Citaram seu uso para que o professor

chame a atenção em sala de aula, mantendo a disciplina, a ordem, a autonomia e a autoridade do professor. Esta necessidade de ordenamento e disciplina, parece ser um assunto inquietante e segundo Aquino (1996, p. 20) “Muitos têm medo de enfrentar a sala de aula, não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos”. Tal afirmação, muitas vezes está relacionada ao aspecto disciplinar, sendo apontado atualmente como uma das dificuldades fundamentais no trabalho escolar, por diversos professores em exercício e futuros professores.

Para Parrat-Dayan (2011, p. 18), o conceito de indisciplina é definido em relação ao de disciplina: o conceito de disciplina se relaciona à existência de regras e o de indisciplina à desobediência a tais regras. Porém, o que leva à indisciplina na sala de aula? O fato é que as causas são muitas e para cada educador existe uma visão diferente de disciplina. Parrat-Dayan (2011, p. 9) acredita que “as causas da indisciplina estão mais nos contextos que a produzem do que no próprio indivíduo”.

Tiba (2006, p. 145) ressalta que “Se os professores e pais tivessem conhecimento do que se passa com seus alunos e filhos, provavelmente muitos conflitos deixariam de existir”. Portanto, o autor nos deixa claro que estar na escola, como professor, não é uma tarefa fácil, e, como educador, é preciso conhecer o aluno em todos os aspectos: com quem ele vive, onde, como, o que faz nas horas em que não está na escola. Ou seja, é preciso um espaço de muito diálogo para aí sim poder ensinar!

Mas o que se tem de consenso na área, é que algumas ações auxiliam de forma preventiva para manter um bom andamento, e estas devem ser discutidas com os alunos durante os cursos de formação inicial, de modo que se sintam preparados para tanto. Uma das medidas, são os contratos pedagógicos, também denominados, acordos ou regras, “combinados” entre professor e alunos, estabelecidos conjuntamente, para esclarecer ao aluno que ele está fora daquilo que se espera ou que está com atitudes indisciplinadas. O contrato didático pode ser conhecido como contrato de aprendizagem, lista de combinados ou contrato pedagógico (Morandi, 2002; Silva, 2012; Camargo e Daros, 2018) e apesar das diferentes denominações, é entendido como “o conjunto de cláusulas que estabelecem as bases das relações que os professores e os alunos mantêm com o saber” (Silva, 2012, p. 49). Para Parrat-Dayan (2011, p. 14), “Se não houver regra, nem sanção, nem qualquer corretivo, os alunos se sentem poderosos e ao mesmo tempo perdidos, sem limites”. Dentro da sala de aula, o professor não deve ser o único que toma as decisões; ao contrário, deve dialogar, de modo que todos participem e se sintam comprometidos. Portanto, este contrato pedagógico, não pode ser feito pelo professor e imposto aos alunos, e sim conjuntamente!

O professor deve lembrar que toda regra vem acompanhada de uma sanção, em caso de transgressão. Esta sanção também deve ser criada conjuntamente. Os alunos que percebem regras claras, ações que valorizem a disciplina e sanções sem ambiguidades têm menos problemas de indisciplina; por isso, é preciso criar as regras junto com eles e sanções adequadas para cada transgressão.

Borracha

Todos os grupos, de forma unânime, abordaram de forma literal o uso da borracha no sentido de possibilidade de erro e de correção. Não foram percebidas construções metafóricas, mas, ainda assim, as pontuações foram importantes. Os alunos destacaram a importância de o professor reconhecer que pode errar sem medo, tendo a possibilidade de corrigir, de refazer e de aprender com os mesmos. Portanto, os erros devem ser vistos como uma oportunidade, em termos de construção do conhecimento, sejam eles dos alunos, sejam eles do professor.

No processo de construção do conhecimento científico, o erro aparece como algo positivo capaz de produzir reflexões e de levar a descoberta de novos conhecimentos. Para Bachelard (1996), o erro é a mola propulsora do conhecimento e, ao longo da história, não pode ser avaliado em termos de acúmulos, mas de rupturas, de retificações, num processo dialético em que o conhecimento científico é construído por meio da constante análise dos erros anteriores. Nesse sentido, é importante não ignorar e nem desprezar os erros cometidos, mas buscar neles um caminho para a construção do conhecimento e para a reflexão e a transformação do trabalho docente. Mais ainda, o professor compreender-se como indivíduo capaz de errar, e em constante construção, aprendendo junto com seus alunos e tendo a humildade em reconhecer e corrigir, se necessário, os equívocos.

Para Imbernón (2011, p. 41) “o processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores”. Assim, o processo de formação inicial precisa provocar uma reflexão dos licenciandos acerca da postura em sala de aula, para que eles percebam a importância de mudanças nas suas concepções, quando necessário, e também em suas práticas, buscando na formação uma das alternativas para essa mudança, quando pertinente.

Além disso, um ponto muito relevante foi a citação de um dos grupos, da disciplina de Estágio, destacando o quanto o conhecimento em si é mutável, necessitando sempre o professor estar atento a estas mudanças, e que este, quando não percebido e cometido algum equívoco, deve ser identificado e reconstruído pelo professor. Ou seja, não há conhecimento imutável, nem estático; a ciência é dinâmica, e existe a necessidade de atualização constante. Esta concepção precisa estar presente na sala de aula, de modo que o docente reflita também sobre a necessidade de atualizações constantes e a superação das carências da sua própria formação profissional.

Espelho

De posse do espelho, as turmas consultadas definiram o mesmo por metáfora, ao sentido de reflexão, nos mais diversos aspectos, tanto de autocrítica, de compreensão de sua trajetória e relações implicadas na sua identidade docente, nas avaliações constantes do dia a dia de sala de aula, no cuidado e zelo nas relações, como também no sentido de modelo que pode exercer sobre os alunos – o professor enquanto modelo. Mota (2007) discorre que quando refletimos sobre nós mesmos e escrevemos sobre isso, tal ação nos permite que a leitura de nossos escritos se transforme em prática criadora e produtora de outros sentidos, o que nos leva, enquanto escritores, a ver nossa própria imagem refletida no espelho do outro. Este olhar permite ampliar o foco, auxiliando o sujeito a se compreender e a enxergar melhor.

Assim, cada professor poderá lançar mão de seu espelho e olhar através dele a sua trajetória e, a partir dela, compreender suas construções, sua identidade docente, sua história. Refletir sobre a própria trajetória de vida é uma experiência formativa, sendo uma ferramenta pedagógica preciosa, pois abarca o conhecimento entrelaçado com a vida que resulta na construção de saberes memoriais que podem ser reelaborados e traduzidos na prática.

Sobre as relações da trajetória vivenciada, a memória e a formação da identidade docente, Lefone (2016) comenta que:

Essa reforma idearia parte da subjetividade, pois a opção pela docência não é uma escolha de marco temporal, ela surge até de forma imatura no convívio relacional que tecemos com nossos espelhos ao longo de nossa trajetória formativa, está ali presente, alimentada pelas nossas crenças, desejos, motivações, ou seja, pela nossa complexidade humana (Lefone, 2016, p. 26)

A concepção ainda ingênua de que o aluno é um espelho do professor, também foi apresentada pelos alunos de início de curso, mas evidencia o quanto esta deve ser discutida nos cursos de formação docente. Claro que não quer dizer que o professor não exerça importância na vida do aluno, mas afirmar se tratar de um modelo, pode trazer uma visão não crítica a estes estudantes.

Pimenta e Lima (2006) destacam que muitas vezes se tem a ideia do professor exercendo sobre o aluno esta perspectiva de imitação, que se dá a partir da observação, da imitação, da reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Tal discussão se faz importante, pois como os discentes estão em um curso de formação, ao terem a concepção de que devem seguir modelos para sua formação, é fundamental que exerçam um senso crítico a respeito e questionem como isso implicaria na sua formação. Pimenta e Lima (2006) discorrem, ainda, que em se tratando destes modelos, devem conseguir separar aquilo que consideram adequado, acrescentar novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram, lançando mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

Catani, Bueno e Souza (2000) destacam que "ao atuarem como espelhos, as lembranças são por nós apropriadas, tornando-se elementos integrantes e inseparáveis de nossas memórias" (p. 169). Dessa forma, ao valorizar estas ideias, são provocadas discussões com os licenciandos e mobilizadas novas reflexões, a fim de oportunizar questionamentos. Como Nóvoa (1992) a identidade docente, "é um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão" (p. 16). Portanto, a construção dessa identidade profissional é um processo longo e complexo. Necessita de tempo para assimilar mudanças, repensar e reconstruir, num exercício contínuo. Tal como um espelho, poderá ter vários ângulos.

Flor plantada em vaso

Ao observarem a flor plantada em um vasinho, os alunos a relacionaram ao conhecimento e aos cuidados que se devem ter em sala de aula, comparando com o tempo para que uma flor desabroche. Compararam que, para que tal processo possa se concretizar em sala de aula de forma nutrida e saudável, são necessários cuidados nas relações afetivas. Como também, compromisso e responsabilidade docente em compreender a importância do tempo que leva

este processo, a necessidade de um ambiente adequado para as práticas e a busca constante do seu próprio aprimoramento, levando em consideração que também possui um tempo para este seu florescer na docência.

É preciso levar em conta todos os estágios da docência e, também, que crescimento e amadurecimento exigem cuidados e tempo. Huberman (2000) estabelece que os professores passam por um ciclo de vida profissional, elencando cinco fases ao longo de sua carreira. As referidas fases são a) de entrada na carreira, fase de sobrevivência, descoberta e exploração (1 a 3 anos de docência); b) de estabilização, sentimento de competência e pertencimento a um corpo profissional (4 a 6 anos); c) de diversificação ou questionamento, estágio de experimentação, motivação, busca de novos desafios e/ ou momento de questionamentos e reflexão sobre a carreira (7 a 25 anos); d) de serenidade, distanciamento afetivo, conservadorismo e lamentações (25 a 35 anos), e por fim, e) de desinvestimento (mais de 35 anos de docência).

A fase que se refere à introdução na carreira docente, classificada como a entrada na carreira, é a fase da sobrevivência e da descoberta. É o momento de confrontar os conhecimentos teóricos advindos de sua formação inicial com a realidade das escolas e das salas de aulas em toda sua complexidade. Nesse sentido, é perceptível que os alunos, em formação docente, apresentem justamente estas inquietudes em suas metáforas, e elenquem situações de busca constante para este aperfeiçoamento. Na primeira fase, segundo o autor, as inseguranças são maiores. Na sequência à fase da descoberta, vem a fase de estabilização (4 a 6 anos) e esta propicia a agradável sensação de sentir-se parte de um grupo profissional, estar atuando em uma escola e, com isso, vem a realização de um sonho do recém-formado professor. Estas duas primeiras fases ocorrem quase simultaneamente, dando suporte uma para a outra, sobretudo no quesito de administrar as emoções vividas. É na fase da estabilização que se dá a constituição da identidade docente e, também, o fortalecimento do seu acervo pedagógico, apresentando-se o estilo próprio do fazer docente que remete ao comprometimento com suas ações frente aos alunos e à aprendizagem (Huberman, 2000).

A fase da experimentação é representada por mudanças, momento de rever o fazer pedagógico e avaliar, “um divisor de águas” em que o professor avalia se segue na profissão, que, por vezes, lhe causa desânimo em decorrência de eventuais frustrações e, também, pela rotina agora perceptível, ou investe em uma nova carreira (Huberman, 2000). Quanto ao quarto ciclo, da serenidade/conservadorismo, pode-se dizer que neste tempo o professor volta a olhar para si e perceber o quanto já fez profissionalmente e vislumbrar o caminho ainda a ser percorrido. Tem-se portanto, a última fase, a do desinvestimento e/ou preparação para a aposentadoria, final da carreira profissional, etapa marcada pela preparação para a finalização da atuação profissional e os abandonos das funções docentes.

Além do desenvolvimento profissional do professor, que implica no tempo de atuação, o destaque maior dos alunos esteve relacionado aos cuidados destes em relação aos atos de ensinar e de aprender, o que vai ao encontro dos outros elementos também já discutidos. O professor deve promover um ambiente escolar agradável, onde o educando possa se desenvolver enquanto pessoa e ser estimulado pela curiosidade e pelo prazer em aprender.

Caneta marcadora permanente

Os grupos de alunos trouxeram algumas reflexões interessantes sobre este objeto, sendo dado maior destaque à exploração do conhecimento científico em sala de aula, de modo que este seja uma construção eficaz e leve a um processo permanente. Nesse contexto, o conhecimento deve ser carregado de significado, de modo que possa ser efetivo na vida dos alunos e possibilite uma aprendizagem aprofundada e relevante, e não apenas mecânica.

Desta forma, o professor deve ter um planejamento responsável, envolver muito estudo, estratégias eficazes, viabilizar construções conjuntas. Foi possível verificar que alunos iniciantes no curso ainda possuem a ideia de transmissão de conteúdo, enquanto alunos em estágios mais avançados, destacaram a construção coletiva do conhecimento e o desenvolvimento coletivo das ideias. Em uma visão tradicionalista do ensino, a transmissão está relacionada à capacidade, quase incrível, do homem armazenar informações, como se este ser se apossasse do conhecimento, a partir das informações que alguém lhe fornecesse. Nesse processo, o aluno é compreendido como um ser passivo. Já, em uma construção conjunta, o aluno é protagonista de seu conhecimento. É um ser ativo e o professor um mediador. Libâneo (2010), destaca algumas das ações caracterizadoras deste professor: ajuda o aluno a se organizar, utilizando-se de técnicas próprias para tal, fortalecimento da relação interpessoal, convicção da capacidade de autodesenvolvimento do aluno e incentivo para que este participe.

Neste processo de construção coletiva do conhecimento, a possibilidade destes saberes serem significativos passa a ser maior, pois há um maior envolvimento do aluno no processo e ele atua nesta construção colaborativa, envolvendo-se cognitivamente e emocionalmente. Vasconcellos (1993) afirma que um conhecimento, para levar à ação deve ser carregado de significado (compreensão) e de afetividade (envolvimento emocional). Logo, entendemos que o trabalho com o conhecimento deve estar articulado com a realidade no sentido de transformação.

Portanto, a fim de desenvolver bem o papel de mediador do professor nesta construção coletiva do conhecimento, as relações interpessoais se fazem igualmente importantes, pois ao planejar as formas de ensinar e conduzir o processo de ensino, o docente deve considerar a melhor forma de contribuir para a formação do educando. Para isso, as relações afetivas entre educador e educando são fundamentais nessa formação cidadã e humanística dos educandos (Trevisol e Souza, 2015).

Sendo assim, é importante o professor estar ciente de que, tanto fatores externos quanto internos podem vir a atrapalhar o desempenho dos discentes dentro da escola, pois os sentimentos afetam diretamente o rendimento escolar (Oestreich, Costa e Godschmidt, 2018). Trevisol e Souza (2015) lembram que, esses são seres humanos movidos por emoções, angústias, tristezas e alegrias.

Neste contexto, o diálogo deve se fazer presente constantemente em sala de aula, mas não é necessariamente garantia de qualidade de ensino ou de afetividade, pois palavras mal colocadas também podem influenciar na vida escolar e na vida particular dos alunos, deixando marcas significativas. Estas “marcas” também foram destacadas pelos participantes e cabe destacar que as relações interativas em sala de aula podem produzir experiências e lembranças na vida do aluno, sejam elas boas ou ruins.

Sobre as marcas deixadas pelo professor, Freire (1996) traz:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (Freire, 1996, p. 96).

Na esteira desse entendimento, Oestreich, Costa e Godschmidt (2018) afirmam que o afeto não deve estar presente apenas nas relações interpessoais dentro da sala de aula, mas também na hora de planejar as atividades que consolidarão os processos de ensino e de aprendizagem, isso porque exercita-se a empatia, quando se coloca no lugar dos educandos e se pensa em como eles gostariam de aprender. Assim, a afetividade nas práticas que envolvem a sala de aula cria um ambiente propício para o ensino e a aprendizagem, pois o professor busca desenvolver um olhar cuidadoso sobre os seus alunos.

Post-it

Os discentes ressaltaram a importância do professor saber se organizar diante das distintas atribuições, conteúdos, currículo disposto, tempo de gerenciamento, e estar atento aos pontos importantes, sintetizando os elementos, destacando o que de fato deve ser valorizado, tendo atenção para não esquecer pontos importantes e, ainda, externalizar e ressaltar ideias, mas sem mantê-las completamente fixas. Tal compreensão demonstra novamente a importância da flexibilidade do professor em sala de aula, já discutida anteriormente, e as habilidades descritas por Libâneo (2010) quando afirma que o professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos no seu exercício profissional, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos e exerce papel de “mediador e incentivador” da aprendizagem.

Assim, como lembra Gadotti (2003), o ato educativo deve ser permeado pelo diálogo e pela afetividade, pois o diálogo e a empatia entre professor e alunos contribuem para que ambos se sintam confiantes e acreditem que podem acrescentar contribuições para o processo de ensino, com experiências e saberes. Desta forma, as ideias coletivas podem ser trabalhadas e valorizadas em sala de aula, de modo que elas possam ser enfatizadas e destacados mais facilmente os pontos mais importantes, construindo um conhecimento compartilhado, tornando-se significativo a todos os envolvidos no processo.

Caixinha de giz de cera

Nas palavras de um dos grupos “as situações da sala de aula são coloridas, nada é branco-preto, todas as situações têm mais de dois lados, há *dualidade na docência – diversidade de situações*”. Foi consoante o pensamento de diversidade no ambiente escolar, seja ela, de expressão, de ideias, de situações advindas do ambiente escolar, das características de cada aluno e a importância que assume o papel do professor relacionado a esta, em estar mediando, respeitando, promovendo a liberdade de expressão e oferecendo, mais “cor” à sala de aula e à escola, de forma atrativa e criativa.

Scriptori (2008) ressalta que ainda muitas escolas e seus professores supervalorizam o desenvolvimento cognitivo, em detrimento de outros que são tão importantes quanto. Conseqüentemente, o desenvolvimento socioafetivo, a formação de vínculos, o respeito às diferenças, a socialização e a diversidade

do aluno ainda são temas que acabam sendo colocados em segundo plano, ou, muitas vezes, nem considerados.

Genro e Garegnatto (2013) corroboram, ao afirmarem que a escola possui importantes limites para o reconhecimento da diversidade cultural e social em suas práticas curriculares e para a integração equilibrada da diversidade existente no seu interior. Ela pratica discriminação por meio de práticas cotidianas. Os seus atores ou sujeitos - professores, funcionários e alunos - são agentes nesses processos.

Desta forma, tal discussão deve estar presente nos cursos de formação de professores, pois a figura do professor é fundamental quando se tem como princípio educacional a formação integral, a valorização do ser humano e o respeito às diferenças.

4. Considerações finais

A partir dos resultados alcançados percebeu-se que o uso de metáforas é uma alternativa viável e interessante para estimular reflexões e discussões em sala de aula, independente dos níveis em que os alunos se encontram em um curso. Os alunos tiveram maior facilidade para alguns itens do que para outros, talvez porque não estejam habituados a tais práticas. Mas mesmo os que apresentaram um pouco de dificuldade em elaborar metáforas, acabaram fazendo discussões muito ricas, ainda que baseadas no sentido literal do elemento mencionado.

Retomando o objetivo desta pesquisa, pode-se considerar que com tal estudo foi possível identificar que o uso de metáforas favoreceu a investigação das concepções de alunos em formação docente sobre o papel do professor em sala de aula, na Educação Básica, pois tornou possível reconhecer as mesmas nas explicações dos participantes.

Desta forma, sobre o papel do professor em sala de aula na Educação Básica, constatou-se que para alunos em formação docente o professor deve desenvolver algumas características importantes: ser uma pessoa flexível em suas ações, criativa em sala de aula e no planejamento, que saiba chamar a atenção, estabelecer limites, motivar, ter prazer em ensinar, trabalhar com afetividade e doçura, tornar a sala de aula um ambiente adequado à aprendizagem, estabelecer boas relações afetivas, respeitar e valorizar a diversidade, a liberdade de expressão. Reconhecer que cada aluno é único e que todos têm seu tempo de aprendizagem, e que os processos devem ser feitos com cautela, cuidado, zelo, para que o conhecimento seja saudável, bem nutrido, tanto para o aluno, quanto para o desabrochar do próprio professor, pois este também está em constante formação, em desenvolvimento profissional. O professor deve ainda planejar e organizar, destacando o que de fato é importante para o currículo, mas também para a vida de seus alunos. Deve ter humildade em reconhecer sua capacidade de poder errar, de corrigir e de aprender com seus erros. A aprendizagem deve ser um processo humanizador, crítico e que seja desenvolvido pensando nos valores e na sociedade.

A diferença que foi percebida entre alunos de início de cursos e alunos mais adiantados esteve relacionada a expressões ligadas ao papel do professor em termos do conteúdo e do conhecimento. Os alunos de início de curso apresentaram alguns elementos e concepções mais tradicionais da educação do que os alunos já em fase de estágio, indicando que a formação no decorrer do

curso desenvolve discussões e questionamentos importantes relacionados à diferença entre transmissão de conhecimento, ao conteúdo em sala de aula e ao papel do professor como mediador do conhecimento, visando uma construção compartilhada, em que o aluno é participante e ativo no processo.

Por fim, conclui-se que as metáforas têm o poder de facilitar discussões, e a partir destas, o próprio aprendizado, criando reflexões profundas, capazes de promover mudanças significativas. Portanto, assumem um grande potencial pedagógico para estimular reflexões que poderiam não ser feitas em sala de aula, pois estariam no subconsciente dos alunos. Logo, os licenciandos tiveram oportunidade de manifestá-las livremente pelo uso das metáforas.

Referências

ALVES, Marta; CASTRO, Paulo. Criatividade: histórico, definições e avaliação.

Revista Educação [on-line], v. 10, n. 2, p. 47-58, 2015.

ANDRADE, Adriano Dias de. **A Metáfora no discurso das ciências**. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de; PASSOS, Laurizete Ferragut. Professor Formador, Mestre Modelo? **Anais... In: 31ª [Reunião Anual da ANPEd, Constituição brasileira, direitos humanos e educação: resumo](#)**. Rio de Janeiro, 2008.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, 152 p.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 2003. 237 p.

ARAÚJO-SILVA, Fabiana Barros. **Trabalho pedagógico e criatividade em matemática: um olhar a partir da prática docente nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2016. 134 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília – PPGE/FE/UNB. Brasília, dezembro de 2016.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, 309 p.

BACHERT, Cristina Maria D'Antona; WECHSLER, Solange Muglia; MACHADO, Wagner de Lara. Construção e validação do Inventário de Estilos de Temperamento do Professor (IETP). **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 56-67, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BORGOBELLO, Ana, PERALTA, Nadia; ROSELLI, Nestor. El estilo docente universitario en relación al tipo de clase y a la disciplina ense-ada. **Libertabit**, v 16, n1, p. 7-16, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Secretários de Educação. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, 2018.

CACHAPUZ, Antônio. Linguagem Metafórica e o Ensino das Ciências. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 2, n.3, p. 117-129, 1989.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018, 144 p.

CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**. n111, p. 151-171, dez. 2000.

COSER, Orlando. **As metáforas farmacológicas com que vivemos**: ensaios de metapsicofarmacologia. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 144p.

DEWEY, John. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. São Paulo: Editora Nacional, 1979, 292 p.

FERRY, Alexandre da Silva. **Análise Estrutural e Multimodal de Analogias em uma sala de aula de química**. 2016. 142 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FLORES, Maria Assunção. Dilemas e desafios na formação de professores. In: MORAES, Maria Cecília; PACHECO, José Augusto; EVANGELISTA, Maria Olinda. O. (Orgs.). **Formação de Professores**: perspectivas educacionais e curriculares. Porto: Porto Editora, 2003, p. 127-159.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, 76 p.

FORTUNATO, Ivan. O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: FORTUNATO, Ivan, SHIGUNOV NETO, Alexandre (org.). **Método(s) de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Edições Hipótese, 2018. p. 37-50

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003, 122 p.

GENRO, Maria.; CAREGNATTO, Célia Elizabete. Educação na e para a diversidade: nexos necessários. In: CAREGNATO, Célia Elizabete; BOMBASSATO, Luis Carlos. (org.). Diversidade cultural: viver as diferenças e enfrentar as desigualdades na educação. Erechim: Novello & Carbonelli, 2013. p. 21-34.

GOLDSCHMIDT, Andréa Inês Goldschmidt et al. Entre riscos e rabiscos: concepções sobre a imagem docente. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**. vol. 6, n. 1 , p. 24 -36, jan./jun. 2016.

GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Professores como cerrado: a cada chuva o esplendor da primavera. **Amazônia. Revista de Educação em Ciências e Matemática** v.12 (24) Jan-Jul 2016. p. 26-38.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de professores**. 2ª ed., Porto: Porto, 2000. 216p.

IMBERNÓN. Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo:Cortez, 2011.

LEFONE, Fatima Ramalho. Identidade docente: a idade da complexidade. **Cadernos de Educação**, v.15, n. 30, jan.-jun, 2016.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. Afetividade e mediação pedagógica. **Anais... In: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. 16., 2012, Campinas, 2012.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 247-260, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÓRIO, Ana Clara Oliveira. As interações professor-aluno e o clima para criatividade em sala de aula: possíveis relações. 2009. 106 f. **Dissertação** (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**. v 3, n 3 e 4, p. 5-24, 2006.

MARCHESI, Álvaro. **O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008, 164 p.

MORANDI, Franc. **Modelos e métodos em Pedagogia**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2002, 152 p.

NAVAS, M. D. C. O. Desenvolvimento de competências e certificação. *In*: ZAYAS, E. L. B. (Org.). **O paradigma da educação continuada**. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 87-113.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as Histórias da sua vida. *In*: NÓVOA. António (org.) **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 2000. p.11-30.

- O'CONNOR, Joseph; SEYMOUR, John. **Introdução à Programação Neurolinguística**: como entender e influenciar pessoas. São Paulo: Summus, 1995, 232 p.
- OESTREICH, Laura; COSTA, Daniela; GODSCMIDT, Andréa Inês. O olhar cuidadoso do educador: caminhos percorridos. **Confresa Revista Prática Docente**. Instituto Federal de Mato Grosso - Campus v. 3, n. 1, p. 366-385, jan/jun 2018.
- PALHARES, Cristina. O professor de A a Z – hoje: Empático, Flexível, Grande e Humanista. **Correio do Minho**. Disponível em <https://correiodominho.pt/cronicas/o-professor-de-a-a-z-hoje-emptico-flexvel-grande-e-humanista/14848>. Acesso em 28 de fev. 2023
- PARRAT–DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo:Contexto, 2011, 144 p.
- PINTO, Heloysa. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 73-76, 1993.
- PRYJMA, Marielda Ferreira; WINKELE, Maria Sílvia Bacila. Da formação inicial ao desenvolvimento profissional docente: análises e reflexões sobre os processos formativos. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 06, n. 11, p. 23-34, ago./dez. 2014.
- RAUFELDER, Diana.; DRURY, Kate.; JAGENOW, Danilo.; HOFERICHTER, Fances.; BUKOWSKI, William. Development and validation of the Relationship and Motivation (REMO) scale to assess students' perceptions of peers and teachers as motivators in adolescence. **Learning and Individual Differences**, v. 24, p. 182-189, 2013.
- RIBEIRO, Marinalva Lopes. Afetividade na relação educativa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul./set. 2010.
- SCRIPTORI, Carmen Campoy. Aspectos Pedagógicos e Práticas Escolares para o Desenvolvimento da Cooperação e da Autonomia. *In*: CUNHA, Jorge.; DANI, Lúcia **Escola: conflitos e violências**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008. P. 13-31.
- SILVA, Benedito Antonio. **Contrato Didático**. *In*: MACHADO, Silvia (org.). **Educação matemática: uma (nova) introdução**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2012. p. 49-75.
- SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1986. 284p.
- TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 85ª ed. São Paulo: Integrare, 2006, 215 p.
- TREVISOL, MariaTeresa; SOUZA, Elizangela. A relação entre professor e aluno e a importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem. **Unoesc & Ciência - ACHS Joaçaba**, v. 6, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: LIBERTAD, 1993, 33 p.

VASCONCELOS, Mario Sérgio. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 616-620, 2004.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, 240 p.

WECHSLER, Solange Muglia. Criatividade e desempenho escolar: uma síntese necessária. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n.15, p. 179-188, 2002.

Outros colaboradores:

Revisão do texto: Fabiana Cavalheiro Scalei. E-mail fabianacscai@gmail.com

Enviado em: 22/02/2024 | Aprovado em: 12/10/2024

